

## PROGRAMA DE MICROECONOMIA

### Ementa:

O objetivo do curso é discutir algumas das técnicas de análise microeconômica amplamente difundidas a partir de uma visão crítica e desenvolver os fundamentos teórico-analíticos de uma abordagem alternativa, enfatizando questões institucionais, cognitivas e evolucionárias. A microeconomia será apresentada não apenas como um aparato técnico, mas um domínio de perguntas não resolvidas, refletindo a existência de diferentes visões descritivas e prescritivas do mundo. Pretende-se apresentar ideias, técnicas e conceitos em um nível de sofisticação adequado ao mestrado, com o objetivo final de realizar pesquisas independentes. Espera-se que os alunos adquiram capacidade crítica e seletiva de aplicar as ferramentas discutidas para analisar, interpretar e representar fenômenos reais do ponto de vista microeconômico.

O curso está dividido em quatro partes. Primeiro, o curso buscará delinear as bases da microeconomia neoclássica a partir de um discurso histórico crítico, tendo como ponto de partida seus pilares metodológicos. Em um segundo momento, o curso irá apresentar a agenda de pesquisa da racionalidade limitada e seus desdobramentos para a tomada de decisão sob risco, com destaque para as contribuições das abordagens de economia comportamental, nova economia institucional e evolucionária. Terceiro, pretende-se estudar a firma (organização), com suas dimensões comportamentais, gerenciais e estratégicas, a partir de autores pioneiros e obras que compõem (e ampliam) seus legados intelectuais. Quarto, o curso dedica-se aos principais argumentos evolucionários incorporados no campo da teoria econômica e seus desdobramentos analíticos, os quais serão apresentados como um terreno fértil para expansão das ferramentas utilizadas para uma análise da economia como um sistema complexo em evolução.

**Avaliação:** Duas provas individuais (90%) e apresentação oral de 10 min + formulação de um mapa conceitual do texto-base da apresentação (10%). **Requisitos preliminares:** leitura do material do curso designado antes de cada sessão e participação nas discussões.

As referências são provisórias e provavelmente serão atualizadas. As indicações de leitura podem ser atualizadas até a semana em que o tópico é discutido (nesse caso, quaisquer leituras adicionais podem ser lidas posteriormente). As leituras são listadas em ordem alfabética, mas divididas em três categorias: *obrigatória*, *pressuposta* e *complementar*.

### Estrutura do curso<sup>1</sup>

#### 1. A teoria microeconômica como um discurso histórico crítico

- 1.1. Comentários preliminares: a economia é uma ciência?
- 1.2. Situando a Microeconomia Neoclássica
  - 1.2.1. Da ascensão ao domínio da microeconomia neoclássica
  - 1.2.2. Aspectos metodológicos
    - 1.2.2.1. Individualismo metodológico
    - 1.2.2.2. Equilíbrio
    - 1.2.2.3. Racionalidade e otimização restrita

<sup>1</sup> Pode ser ajustado dependendo do tempo necessário para estudar cada tópico.

1.2.3. A ascensão das teorias da concorrência imperfeita: a crítica de Sraffa; Chamberlin e Robinson; o contra-ataque neoclássico

1.3. Em direção a uma teoria dinâmica da concorrência: as contribuições de Steindl

1.4. Desdobramentos para uma teoria microeconômica alternativa

## **2. Racionalidade, comportamento econômico e interação estratégica**

2.1. Comentários preliminares: a natureza e as fontes dos "limites" de "racionalidade" na tomada de decisões

2.2. Racionalidade Limitada e o modelo básico de Simon

2.3. Racionalidade e individualismo

2.4. Teoria do Prospecto: uma análise da decisão sob risco

2.4.1. Estudos cognitivos e as mudanças de categorias e modelos mentais: *framing*, heurísticas no julgamento e *social embeddedness*

2.5. Desdobramentos para uma visão "evolucionária" de aprendizado

2.6. Instituições e sua influência no comportamento econômico

## **3. Teorias da Firma: organização, estratégias e capacitações dinâmicas**

3.1. A firma como organização: introdução

3.2. Estratégias de crescimento e diversificação

3.3. Ascensão da grande corporação e dinâmica do capitalismo industrial

3.3.1. A lógica do capitalismo gerencial

3.3.2. Implicações para a Organização Industrial e Teorias da Firma (inovativa)

3.4. Da perspectiva baseada em recursos à abordagem de capacitações dinâmicas

3.5. Abordagem da Nova Economia Institucional: o paradigma da teoria de custos de transação

## **4. A economia como um sistema complexo em evolução: inovação e dinâmica industrial**

4.1. Considerações preliminares: "Por que a economia não é uma ciência evolucionária?"

4.2. Abordagem evolucionária

4.2.1. Concorrência Schumpeteriana e dinâmica industrial

4.2.2. Avanço tecnológico como processo evolutivo

4.2.2.1. A natureza da "tecnologia"

4.2.2.2. O comportamento da firma, o papel das rotinas e padrões de aprendizado

4.2.2.3. Paradigmas e trajetórias tecnológicas

4.2.2.4. Regimes tecnológicos e padrões setoriais de mudança técnica

4.3. Desdobramentos em direção a novas ferramentas analíticas

## Referências

### I. A teoria microeconômica como um discurso histórico crítico

#### Leitura Obrigatória

- Boland, Lawrence. (1998). *Methodology for a New Microeconomics: The Critical Foundations*. Allen and Unwin, Inc. (Intro + Capítulos 1-5).
- Boland, Lawrence. (2017). *Equilibrium Models in Economics: purposes and critical limitations*. Oxford University Press: New York. (“Part one: The purpose and problems for equilibrium models” - Capítulos 1-5).
- Boylan, T. A.; O’Gorman, P. F. (2009). Kaldor on Debreu: The Critique of General Equilibrium Reconsidered. *Review of Political Economy*, 21(3), 447-461.
- Bunge, M. (1998). *Social Science under Debate: A Philosophical Debate*. University of Toronto Press, Toronto. (Capítulo 3 – “Positive Economics”).
- Feiwei, George. (Ed.) (1989). *Joan Robinson and Modern Economic Theory*. The MacMillan Press, London. (Cap. 1- Joan Robinson Inside and Outside the Stream).
- Fine, Ben. (2016). *Microeconomics: a critical companion*. Pluto Press, London. (Capítulo 1 - “Locating Microeconomics”).
- Fine, B. (2011). The General Impossibility of Neoclassical Economics. *Ensayos Revista de Economía*—Volumen XXX, No. 1, mayo 2011, p. 1-22.
- Hart, Neil (2012) Equilibrium and Evolution: Alfred Marshall and the Marshallians. Palgrave Macmillan UK (2012) (Cap. 5 - Sraffa’s Critique and ‘Marshall’s Theory’).
- Hodgson, G. (2008). Marshall, Schumpeter and the shifting boundaries of economics and sociology. *Marshall and Schumpeter on Evolution: Economic Sociology of Capitalist Development*, 93-115.
- Ingrao, Bruna; Israel, Giorgio (1990). The Invisible Hand. Economic Equilibrium in the History of Science. (Cap. 1 e 12).
- Koutsoyiannis, A. (1979). *Modern Microeconomics*. London: Macmillan. (Capítulo 11 “A critique of the Neoclassical Theory of the Firm: the Marginalist Controversy”).
- Lee, Frederic. (1984). The marginalist controversy and the Demise of Full Cost Pricing. *Journal of Economic Issues*, vol. 18, n.4, p. 1107-1132.
- Markey-Towler, Brendan. (2019). The New Microeconomics: A Psychological, Institutional, and Evolutionary Paradigm with Neoclassical Economics as a Special Case. *American Journal of Economics and Sociology*, vol. 78, n.1, p. 1-41.
- Milonakis, D.; Fine, B. (2009) *From Political Economy to Economics: Method, the Social and the Historical in the Evolution of Economic Theory*. London: Routledge. (Intro + Cap. 11 (“In the slipstream of marginalism”))
- Mirowski, P. (1989). *More Heat Than Light: Economics as Social Physics: Physics as Nature’s Economics*. Cambridge University Press, Cambridge, UK, p. 354–395. (Capítulo 7 – “The ironies of physics envy”)
- Mongin, Philippe. (1997) The marginalist controversy. In: Davis, J.; Hands, W.; Maki, U. (ed.) (1997). *Handbook of Economic Methodology*, London, p. 558-562.

Possas, M. L. (1985). *Estruturas de mercado em oligopólio*. São Paulo, Hucitec (*Capítulo 1 – “Oligopólio e teoria dos preços”, Capítulo 4 – “Padrões de concorrência e a dinâmica das estruturas de mercado”*).

Roncaglia, A. (2005) *The Wealth of Ideas: A History of Economic Thought*, Cambridge University Press, Cambridge (*Cap. 10 – “The marginalist revolution: the subjective theory of value”; Cap. 12 – “General economic equilibrium”; Cap. 13 – “Alfred Marshall”; Cap. 16 – “Piero Sraffa”*).

Steindl, J. (1945). *Small and Big Business*. Oxford: Basil Blackwell. (*Capítulo 1*).

Steindl, J. (1952), *Maturity and Stagnation in American Capitalism*, New York: Monthly Review Press, 1976. (*Capítulos 1-5*)

### **Leitura Pressuposta**

Hall, R.L.; Hitch, C.J. (1939). *Price theory and business behavior*. Oxford Economic Papers, vol. 2, p.12-45.

Lee, Frederic S; Keen, Steve (2004) The Incoherent Emperor: A Heterodox Critique of Neoclassical Microeconomic Theory. *Review of Social Economy*, vol. 62, n.2, p. 169-199.

Machlup, F. (1967) Theories of the firm: marginalist, behavioral, managerial. *The American Economic Review*, vol. 57, p.1-33.

Machlup, Fritz. (1946) Marginal analysis and empirical research. *The American Economic Review*, Vol. 36, n.4 (Sep. 1946), pp. 519-554. (\*Há uma versão em português: “Análise marginal e pesquisa empírica”. *Literatura Econômica*, Rio de Janeiro, 4 (4), p. 419-448, 1982).

Robinson, J. (1933) *The Economics of Imperfect Competition*, Macmillan and Co., Ltd., London.

Robinson, J. (1953) *Imperfect Competition Revisited*. *Economic Journal*, set. Reimpresso em *Contribuições à Economia Moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Sraffa, Piero. (1926). *As leis dos rendimentos sob condições de concorrência*. *Literatura econômica*, Rio de Janeiro, vol. 4, n.1, p. 13-34, 1982.

Sweezy, P. M. Demand under conditions of oligopoly. *Journal of Political Economy*, Chicago, 47, 1939.

### **Leitura Complementar**

Agenjo-Calderón, A.; Gálvez-Muñoz, L. (2019). Feminist economics: Theoretical and political dimensions. *American Journal of Economics and Sociology*, 78(1), 137-166.

Akerlof, G. A. (2020). Sins of Omission and the Practice of Economics. *Journal of Economic Literature*, 58(2), 405-418.

Arnsperger, C; Varoufakis, Y. (2006). What Is Neoclassical Economics? The three axioms responsible for its theoretical oeuvre, practical irrelevance and, thus, discursive power. *Panoeconomicus*, vol. 1, p. 5-18.

Aspromourgos, T. (1986). On the Origins of the Term Neoclassical. *Cambridge Journal of Economics*, vol. 10, n. 3, p. 265-70.

Benicourt, E.; Guerrien, B. (2008). Is anything worth keeping in microeconomics? *Review of Radical Political Economics*, vol. 16, n. 3, p.317-323.

- Boland, Lawrence. (2001). On the futility of criticizing the neoclassical maximization hypothesis. *American Economic Review*, vol 71, n. 5, p. 1-6.
- Colander, David. (2000). The death of neoclassical economics. *Journal of the History of Economic Thought*, vol 2, n. 2, p.1-18.
- Colander, D.; Holt, R.; Rosser Jr, B. (2004). The changing face of mainstream economics. *Review of Political Economy*, 16(4), 485-499.
- Debreu, Gerard. (1991). The mathematization of economic theory. *The American Economic Review* 81.1, p. 1-7
- Dequech, D. (2008). Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics. *Journal of Post Keynesian Economics*, vol. 30, n. 2, p. 279-302.
- Fucidji, J. R.; Neris Jr, C. (2019). Economic theory and (ontological) reductionism: some pitfalls in the road of the microfoundations project.
- Foley, Duncan K. Sraffa's legacy. *Cambridge Journal of Economics* 27.2 (2003): 225-238.
- Garegnani, Pierangelo. On Sraffa's Contribution to Economic Theory. In: Feiwel, George. (Ed.) (1989). *Joan Robinson and Modern Economic Theory*. The MacMillan Press, London (Cap. 13).
- Gravelle, H; Rees, R.(2004). *Microeconomics*. 3ª ed. (cap. 12).
- Hart, Neil (2003) Marshall's Dilemma: Equilibrium versus Evolution, *Journal of Economic Issues*, vol. 37, n. 4, p. 1139-1160.
- Hodgson, G. (2007). Meanings of Methodological Individualism. *Journal of Economic Methodology*, vol. 14, p. 211-26.
- Keen, S. (2001) *Debunking Economics: The Naked Emperor of the Social Sciences*, St. Martin's Press, New York City.
- Kreps, David M. (1990). *A Course in Microeconomic Theory*. Pearson Higher Education (Cap. 6).
- Lawson, Tony. (2001). Mathematical formalism in economics: What really is the problem? (p. 73-83). In: Arestis, P.; Desai, M.; Dow, S. (2001). *Methodology, Microeconomics and Keynes: Essays in Honour of Victoria Chick*. Vol. 2. Routledge.
- Lee, F.S. (2009). *A History of Heterodox Economics: challenging the mainstream in the twentieth century*. Routledge, London.
- Lee, Frederic. (1999). *Post Keynesian Price Theory*. Cambridge University Press. (Cap. 8 – Kalecki's microanalysis and the war years; Cap. 10 - Josef Steindl and the stagnation thesis).
- Lukes, S. (1969). Methodological Individualism Reconsidered. *British Journal of Sociology*, vol. 19, n. 2, p. 119-129.
- Mas-Colell, Andreu; Michael Dennis Whinston; Jerry R. Green. *Microeconomic theory*. Vol. 1. New York: Oxford university press, 1995.
- Milonakis, D.; Fine, B. (2009) From Political Economy to Economics: Method, the Social and the Historical in the Evolution of Economic Theory. London: Routledge. (Cap 6, 7 e 11)
- Nelson, Robert H. (2001). *Economics as Religion: From Samuelson to Chicago and Beyond*. Pennsylvania State University Press, University Park, PA. (Intro + Capítulos 1-3).
- Nicholson, Walter; Snyder, Christopher M. (2016). *Microeconomic Theory: Basic Principles and Extension*. Cengage Learning, 12th ed.
- Shionoya, Y.; Nishizawa, T. (Eds.). (2009). Marshall and Schumpeter on evolution: Economic sociology of capitalist development. Edward Elgar Publishing. (Cap. 2 - Raffaelli, Tiziano. The general pattern of Marshallian evolution).

- Silberberg, Eugene; Suen, Wing. (2000). *The Structure of Economics: A Mathematical Analysis*. McGraw-Hill/Irwin.
- Silva, A. L. G. (2010). *Concorrência sob condições oligopolísticas. Contribuições das análises centradas no grau de atomização/concentração dos mercados*. Campinas, SP: Unicamp, IE.
- Toporowski, Jan. (2001). Mathematics as natural law: an epistemological critique of formalism in economics (p. 84-94). In: Arestis, P.; Desai, M.; Dow, S. (2001). *Methodology, Microeconomics and Keynes: Essays in Honour of Victoria Chick*. Vol. 2. Routledge.
- Udéhn, L. (2001). *Methodological Individualism: Background, History and Meaning*, London and New York: Routledge.
- Udéhn, L. (2002). The Changing Face of Methodological Individualism. *Annual Review of Sociology*, 28, 479-507.
- Weintraub, E.R. (2002) *How Economics Became a Mathematical Science*. Duke University Press, Durham (Cap. 1).

## **II. Racionalidade, comportamento econômico e interação estratégica**

### **Leitura Obrigatória**

- Bendor, Jonathan. (2010). *Bounded rationality and politics*. University of California Press: Berkeley and Los Angeles. (*Capítulo 2 - Herbert A. Simon: Political Scientist; Capítulo 3- Satisficing: a pretty good heuristic*).
- Boland, Lawrence. (2005). Individualism vs rationality in economics. *Critical economic methodology: a personal odyssey*. Routledge, London and New York, p.167-175
- Davis, J. (2011). *Individuals and Identity in Economics*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Dequech, D. (2001). Bounded Rationality, Institutions, and Uncertainty. *Journal of Economic Issues*, vol. 35, n. 4, p. 911-29.
- Dosi, G.; Egidi, M. (1991). Substantive and procedural uncertainty - an exploration of economic behaviour in changing environments. *Journal of Evolutionary Economics*, vol. 1, n. 2, p. 145-68.
- Simon, H. (1976). From substantive to procedural rationality. In: Latsis, S. (1976). *Method and Appraisal in Economics*, Cambridge: Cambridge University Press, p. 129-148.
- Simon, H. (1979). Rational Decision Making in Business Organizations. *American Economic Review*, vol. 69, n.4, p. 493-512.
- Simon, H. (1986). Rationality in psychology and economics. *The Journal of Business*, vol. 59, n. 4, p. 209-224.
- Simon, H. (1987). Bounded rationality. In: Eatwell, J. *et al.* (Eds.), *The New Palgrave*. Macmillan, London, p. 266-268.
- Tversky, A.; Kahneman, D. (1982). Judgments of and by representativeness. In: Kahneman, D.; Slovic, P.; Tversky, A. (eds.). *Judgment under uncertainty: heuristics and biases*, Cambridge, Cambridge University Press.

### **Leitura Pressuposta**

- Conslik, John. (1996). Why bounded rationality? *Journal of Economic Literature*, vol. 34, p. 669-700.

Kahneman, D.; Tversky, A. (1979). Prospect Theory: an analysis of decision under risk. *Econometrica*, vol. 47, n.2.

Possas, M. (1997). A cheia do “mainstream” – comentário sobre os rumos da ciência econômica. *Revista economia contemporânea*, n. 1, p. 1-46.

### **Leitura Complementar**

Bowles, S. (2006). *Microeconomics: Behavior, Institutions, and Evolution*. New Jersey: Princeton University Press.

Dequech, D. (2006). The new institutional economics and the theory of behaviour under uncertainty. *Journal of Economic Behavior & Organization*, vol. 59, p. 109–131.

Dhami, S. (2016). *The foundations of Behavioral Economic Analysis*. Oxford University Press. (Capítulos selecionados).

Dosi, G.; Marengo, L.; Fagiolo, G. (2003). Learning in Evolutionary Environments. LEM Working Paper Series, n.20.

Markey-Towler, Brendan. (2019). The New Microeconomics: A Psychological, Institutional, and Evolutionary Paradigm with Neoclassical Economics as a Special Case. *American Journal of Economics and Sociology*, vol. 78, n. 1.

Tversky, A.; Kahneman, D. (1986). Rational Choice and the Framing of Decisions. *The Journal of Business*, vol. 59, n. 4, Part 2: The Behavioral Foundations of Economic Theory (Oct., 1986), p. S251-S27.

## **III. Teorias da Firma: organização, estratégias e capacidades dinâmicas**

### **Leitura Obrigatória**

Chandler Jr., A. (1990). *Scale and Scope*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. (Introdução, Capítulos 1 e 2 e Conclusão).

Conner, K. (1991). A historical comparison of resource-based theory and five schools of thought within industrial organization economics: do we have a new theory of the firm? *Journal of Management*, vol. 17, n. 1, p. 121-154.

Fransman, M. (1998). Information, knowledge, vision, and theories of the firm. In: Dosi, G.; Teece, D.; Chytry, F. (ed.) (1998). *Technology, Organization, and Competitiveness: Perspectives on Industrial and Corporate Change*. Oxford University Press: Oxford. (Capítulo 4)

Granovetter, M. (1998). Coase Revisited: Business Groups in the Modern Economy. In: Dosi, G.; Teece, D.; Chytry, F. (ed.) (1998). *Technology, Organization, and Competitiveness: Perspectives on Industrial and Corporate Change*. Oxford University Press: Oxford. (Capítulo 2).

Jones, S. R. H. (1997). Transaction Costs and the Theory of the Firm: The scope and limitations of the new institutional approach. *Business History*, vol. 39, n. 4, p. 9-25.

Lazonick, W. (2010). The Chandlerian corporation and the theory of innovative enterprise. *Industrial and Corporate Change*, vol.19, n. 2, p. 317–349.

Teece, D. (1993). The dynamics of Industrial Capitalism: Perspectives on Alfred Chandler’s Scale and Scope. *Journal of Economic Literature*, vol. 31, p. 199-225.

Teece, D. (2010). Alfred Chandler and “capabilities” theories of strategy and management. *Industrial*

and Corporate Change, vol. 19, n. 2, p. 297–316.

Teece, D. J. (2009). Dynamic Capabilities and the Essence of the Multinational Enterprise. In: Teece, D. (2009). *Dynamic Capabilities & Strategic Management: Organizing for Innovation and Growth*. Oxford University Press: Oxford. (Capítulo 5).

Teece, D. J.; Augier, M. (2009). The foundations of Dynamic Capabilities. In: Teece, D. (2009). *Dynamic Capabilities & Strategic Management: Organizing for Innovation and Growth*. Oxford University Press: Oxford. (Capítulo 3)

Teece, D.; Pisano, G. (1998). *The Dynamic Capabilities of Firms: An Introduction*. In: Dosi, G.; Teece, D.; Chytry, F. (ed.) (1998). *Technology, Organization, and Competitiveness: Perspectives on Industrial and Corporate Change*. Oxford University Press: Oxford. (Capítulo 5)

Tirole, Jean. (1988). *The theory of industrial organization*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 15-51.

### **Leitura Pressuposta**

Machlup, F. (1967). Theories of the firm: marginalist, behavioral, managerial. *The American Economic Review*, vol. 57, p.1–33.

Penrose, Edith. (1959). *The Theory of the Growth of the Firm*. Oxford: Basil Blackwell. (Capítulos 2 e 3; 5 a 7).

Teece, D. J. (2009). The Nature and Microfoundations of (Sustainable) Enterprise Performance. In: Teece, D. (2009). *Dynamic Capabilities & Strategic Management: Organizing for Innovation and Growth*. Oxford University Press: Oxford. (Capítulo 1)

Williamson, O. (1985). *The Economic Institutions of Capitalism*. Free Press: New York. (Capítulos 1, 2, 4 e 11).

Williamson, O. (1998). Transaction Cost Economics and Organization Theory. In: Dosi, G.; Teece, D.; Chytry, F. (ed.) (1998). *Technology, Organization, and Competitiveness: Perspectives on Industrial and Corporate Change*. Oxford University Press: Oxford. (Capítulo 1).

Winter, S. (1988). On Coase, Competence, and the Corporation. *Journal of Law, Economics, and Organization*, vol. 4, n.1, p. 163-180.

### **Leitura Complementar**

Chandler Jr., A. (1977). *The Visible Hand*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. (Introdução e Conclusão).

Chandler Jr., A. (1992). What is a firm? A historical perspective. *European Economic Review*, vol. 36, p. 483-494.

John, Richard R. (1997). Elaborations, Revisions, Dissents: Alfred D. Chandler, Jr.'s, 'The Visible Hand' after Twenty Years. *The Business History Review*, vol. 71, no. 2, p. 151–200.

Nelson, R (1994). The role of firm differences in an evolutionary theory of technical advance. In: Magnusson, L. (ed.). (1994). *Evolutionary and neo-Schumpeterian approaches to economics*. Kluwer Academic Publishers, p. 231-242.

Pitelis, C. (2009). Edith Penrose's 'The Theory of the Growth of the Firm' Fifty Years Later. In: Penrose, E. (1959). *The Theory of the Growth of the Firm*, Oxford University Press, Fourth Edition, 2009, p.9-47.

Teece, D. J.; Augier, M. (2009). Resources, Capabilities, and Penrose Effects. In: Teece, D. (2009). *Dynamic Capabilities & Strategic Management: Organizing for Innovation and Growth*. Oxford University Press: Oxford. (Capítulo 4).

Wernerfelt, B. (1984). A resource-based view of the firm. *Strategic Management Journal*, vol. 5, p. 171-180.

#### **IV. A economia como um sistema complexo em evolução: inovação e dinâmica industrial**

##### **Leitura Obrigatória**

Dobusch, L.; Kapeller, J. (2009). Why is Economics not an Evolutionary Science? New Answers to Veblen's Old Question. *Journal of Economic Issues*, vol. 43, n. 4, p. 867-898.

Dosi, G.; Malerba, F.; Orsenigo, L. (1994). Evolutionary regimes and industrial dynamics. In: Magnusson, L. (ed.). (1994). *Evolutionary and neo-Schumpeterian approaches to economics*. Kluwer Academic Publishers, p. 203 -229.

Dosi, G.; Marengo, L.; Fagiolo, G. (2005). Learning in evolutionary environments. In: Dopfer, K. (ed.): *The Evolutionary Foundations of Economics*, Cambridge UK: Cambridge University Press, p. 255-338.

Dosi, G.; Nelson, R. (1994). An Introduction to Evolutionary Theories in Economics. *Journal of Evolutionary Economics*, vol. 4, n. 3, p. 153-72.

Dosi, G.; Nelson, R. (2018). Technological advance as an evolutionary process. In: Nelson, R. et al. (2018). *Modern Evolutionary Economics: an overview*. Cambridge University Press, p. 35-73.

Helfat, C. (2018). The behavior and capabilities of firms. In: Nelson, R. et al. (2018). *Modern Evolutionary Economics: an overview*. Cambridge University Press, p. 85-103.

Lazonick, W. (1994). The integration of theory and history – methodology and ideology in Schumpeter's economics. In: Magnusson, L. (ed.). (1994). *Evolutionary and neo-Schumpeterian approaches to economics*. Kluwer Academic Publishers, p. 245-263.

Metcalf, J. S. (2005). Evolutionary concepts in relation to evolutionary economics. In: Dopfer, K. (ed.): *The Evolutionary Foundations of Economics*, Cambridge UK: Cambridge University Press, p. 391-430.

Pyka, A.; Nelson, R. (2018). Schumpeterian competition and industrial dynamics. In: Nelson, R. et al. (2018). *Modern Evolutionary Economics: an overview*. Cambridge University Press, p. 104-128.

Winter, S. G. (2006) Toward A Neo-Schumpeterian Theory of The Firm. *Industrial and Corporate Change*, vol. 15, n. 1, p. 125-141 (*Original: 1968*).

##### **Leitura Pressuposta**

Coriat, B.; Dosi, G. (2002). The institutional embeddedness of economic change: an appraisal of the 'evolutionary' and 'regulationist' research programmes. In: Hodgson, G. (ed.). *A modern reader in Institutional and Evolutionary economics – key concepts*. Edward Elgar: Cheltenham.

Elsner, W.; Heinrich, T.; Schwardt, H. (2015). *The microeconomics of complex economies: evolutionary, institutional, neoclassical, and complexity perspectives*. Amsterdam: Elsevier. (*Capítulo 1 – "Introduction to the microeconomics of complex economies"*).

Langlois, R.; Everetti, M. (1994). What is evolutionary economics? In: Magnusson, L. (ed.). (1994). *Evolutionary and neo-Schumpeterian approaches to economics*. Kluwer Academic Publishers, p. 11-47.

- Nelson, R.; Winter, S. G. (1982). *An evolutionary theory of economic change*. Cambridge: Harvard U. Press. (Capítulos 1, 2, 3 e 7).
- Schumpeter, J. (1942). *Capitalism, Socialism and Democracy*. London and New York: Routledge. (Capítulos 7 e 8).
- Schumpeter, J. (1911/1934). *The Theory of Economic Development*. Cambridge MA: Harvard Univ. Press. (Capítulos 1 e 2).
- Veblen, T. (1898). Why Is Economics not an Evolutionary Science? *Quarterly Journal of Economics*, vol. 12, p. 373-397.
- Winter, Sidney G. (1964). *Economic 'Natural Selection' and the Theory of the Firm*. Yale Econ. Essays, vol. 4, n.1, p. 225-272.

### **Leitura Complementar**

- Colander, D. (2008). Complexity and the history of economic thought. Middlebury College Economics Discussion Paper 08-04, Middlebury, VT. <http://sandcat.middlebury.edu/econ/repec/mdl/ancoec/0804.pdf>.
- Dosi, G. (2012). *Economic coordination and dynamics: some elements of an alternative "evolutionary" paradigm*. LEM Paper Series 2012/08, Laboratory of Economics and Management (LEM), Sant'Anna School of Advanced Studies, Pisa, Italy.
- Dosi, G.; Nelson, R. (2010). *Chapter 3 - Technical change and industrial dynamics as evolutionary processes*. Handbooks of the Economics of Innovation, vol. 1, p. 51-127.
- Elsner, W.; Heinrich, T.; Schwardt, H. (2015). *The Microeconomics of Complex Economies: evolutionary, institutional, neoclassical, and complexity perspectives*. Amsterdam: Elsevier. (Capítulo 9 - Tools III: An Introduction to Simulation and Agent-Based Modeling).
- Foster, J.; Metcalfe, J. (ed.) (2001). *Frontiers of Evolutionary Economics: competition, self-organization and innovation policy*. Edward Elgar: Cheltenham.
- Malerba, F. (2006). Innovation and the evolution of industries. *Journal of Evolutionary Economics*, vol. 16, issue 1-2, p. 3-23.
- Nelson, R. (1998). *The Co-Evolution of Technology, Industrial Structure, and Supporting Institutions*. In: Dosi, G.; Teece, D.; Chytry, J. (ed.) (1998). *Technology, Organization, and Competitiveness: Perspectives on Industrial and Corporate Change*. Oxford University Press. (Capítulo 9)
- Nelson, Richard R. (1995). Recent evolutionary theorizing about economic change. *Journal of Economic Literature*, vol. 33, n.1, p. 48-90.
- Tesfatsion, Leigh. (2002). *Agent-Based Computational Economics: Modelling Economies as Complex Adaptive Systems*.
- Windrum, Paul. (2007). *Neo-Schumpeterian Simulation Models*. In: Hanusch, H; Pyka, A. (ed.) *The Elgar Companion to Neo-Schumpeterian Economics*. Link: <https://econpapers.repec.org/bookchap/elgeebok/2973.htm>.
- Winter, S. (2005). Towards an evolutionary theory of production. In: Dopfer, K. (ed.): *The Evolutionary Foundations of Economics*, Cambridge UK: Cambridge University Press, p. 223-254.
- Witt, U. (2005). The evolutionary perspective on organizational change and the theory of the firm. In: Dopfer, K. (ed.): *The Evolutionary Foundations of Economics*, Cambridge UK: Cambridge University Press, p. 339-366.

Witt, Ulrich. (2008). What is Specific about Evolutionary Economics? *Journal of Evolutionary Economics*, vol. 18, p. 547-75.